

SÃO JOSÉ

Orgão commemorativo ao 7 de Setembro de 1919

Edição unica () Redactores: Osear Rosas, José Cyriaco e José Filomeno () S. José, 7 de Setembro de 1919

7 de Setembro

A data da Independencia do Brasil é a mais cara de todas para o povo brasileiro, que a conquistou atravez das maiores lutas, em Portugal e em todo o Paiz.

A revolução regeneradora de 1820, rebentada no Porto, Coimbra e Lisboa contra o absolutismo, representado pela Regencia implantada na capital portugueza, depois da fuga de D. João VI, para o Brasil, que entregou o paiz aos francezes commandados por Junot e aos Inglezes, que foram em socorro de Portugal e que depois governaram esse paiz pela espada de Beresford, foi o acontecimento que accelerou a nossa emancipação politica, fazendo brotar o sentimento nacional, amortecido após o deliquio de 1817.

Das lutas que d'ahi se originaram, reclamando a ida de D. João VI, ou do Principe D. Pedro, nasceu o regimen constitucional em Portugal, milagrosa centelha que fez renascer em nossa Patria, depois da malograda revolução de 1817, em Pernambuco, novamente a idéa da independencia.

O Pará e a Bahia (esta a 10 de Fevereiro de 1821) revoltaram-se a favor da revolução regeneradora, cujo objectivo era uma constituição.

Apparecem as primeiras Juntas provisórias no Pará e Bahia. Torna-se terrivel a oppressão dos portuguezes aos brasileiros, em todos os terrenos e em todo o paiz.

O general Luiz Barreto, portuguez algoz da alma republicana de Pernambuco, em 1817, querendo apagar o golpe, parodiou o Pará e a Bahia, mas com o intuito de defender o absolutismo contra o movimento nascido em Goiana.

Mas Luiz Barreto viu eleitos constituintes os vencidos de 1817.

Seguiu-se a Parahyba, que Barreto procurou chamar a si.

Apesar de tudo, em 29 de Agosto de 1821, installou-se em Goiana a *Provisional Temporaria*. E a camara da Parahyba não soccorria Barreto.

Depois vieram o Rio de Janeiro e S. Paulo, onde o civismo do povo, apesar da pressão da *divisão auxiliadora* e

de outras tropas portuguezas, se fez sentir continuamente, dando a D. João VI a sensação da borrasca.

O Duque de Palmella e o Conde dos Arcos muito fizeram para retardar nossa independencia nesse momento, sendo mais habéis e mais moderados do que Thomaz Antonio e outros algoses que tivemos na côrte do rei fujão.

A figura do principe real começa então a apparecer e a salientar-se, divergindo as opiniões, uns para que ficasse, outros para que fosse para Lisboa, assumir a direcção da Regencia.

D. Pedro é o homem para o momento, dados aquelles factores.

Após a demorada partida de D. João VI para Portugal, acompanhado da côrte, composta de 4.500 pessoas, D. Pedro, cuja popularidade augmentava entre os brasileiros, procurou ser o traço de união entre os rinos e o partido brasileiro, tarefa ingrata, impossivel mesmo, do que foi se convencendo até o dia em que fez Avilez retirar-se para Nitheroy com seus soldados revoltados no Morro do Castello, embarcando-os após para Portugal, sob pena de bombardeal-os.

Estes feitos e outros lançaram o futuro imperador no coração dos brasileiros, que o cercavam por toda a parte.

A noticia dos decretos de 29 de Setembro teve no Brasil resultado que as côrtes não calcularam. Os prejudicados, em virtude do 1.º dos decretos, transformaram-se em patriotas brasileiros, pedindo a independencia.

A ordem para o Principe deixar o Brasil produziu tambem sensação e deixou até os monarchistas portuguezes com receio de que nunca mais pudessem ver restabelecida a monarchia em nossa terra.

A 9 de Dezembro de 1821 chegava o brigue *Infante d. Sebastião*, de Lisboa.

Só no dia seguinte recebeu-se a correspondencia, que trazia os celebres decretos de Lisboa, já alludidos.

Houve rebate geral.

A maçonaria neste momento muito cooperou para a nossa emancipação, resolvendo como os patriotas, impedir a partida do principe, embora fosse es-

pallhado que S. A. R. se preparava para dar cumprimento á determinação das côrtes.

Pensando-se provocar uma manifestação em todo o paiz a favor da permanencia do Principe, S. A. declarou que si Minas, S. Paulo e Rio de Janeiro pedissem, ficaria.

A população carioca tambem lançou um manifesto para esse fim, promovido por Gordilho e outros.

Pedro Paes Leme vai a S. Paulo promover a representação, dictando José Bonifacio a mensagem de 24 de Dezembro, que chegou as mãos de D. Pedro a 1.º de Janeiro de 1822.

Tão satisfeito ficou o principe regente que logo no dia seguinte a mandou a D. João VI, declarando-lhe que não mais seguiria, como annunciara a 10 de Dezembro.

De Minas tambem partiram as representações da Junta Provisoria, sendo seu representante o Dezembargador José Teixeira da Fonseca Vasconcellos, junto ao principe.

As camaras das capitánias do Rio tiveram igual procedimento.

José Clemente Pereira proclamou «que o Brasil queria ser tratado como irmão e não filho, como soberano e não subdito de Portugal.»

O manifesto do povo do Rio de Janeiro, de 29 de Dezembro de 1821, ao senado da camara, calou fundo no espirito publico, terminando com estas memoraveis palavras:

«O Povo do Rio de Janeiro julga que o navio que reconduzir S. A. Real apparecerá sobre o Tejo com o pavilhão da independencia do Brasil.»

Chegadas as cousas a este ponto pediu-se ao principe que marcasse dia e hora para a commissão do senado da camara apresentar-lhe os votos e supplicas dos povos do Rio e das quatro provincias do sul. Foi designado o dia 9 de Janeiro, que ficou se chamando em nossa historia o dia do «fico».

O fico

O facto passou-se na igreja do Rosario, a cujo consistorio affluira toda gente importante da terra.

O povo brasileiro, representado pelo senado, que foi ao encontro do principe, affirmava sua capacidade de so-

berania e nação, exhibindo-se com grande alegria.

Foi uma scena brilhante e commovedora—via-se o estandarte alçado da camara descendo pela rua do Ouvidor, a passo lento.

O príncipe recebeu ao meio dia, na sala do throno do palacio da cidade, a patriótica deputação.

José Clemente Pereira, o orador, foi muito habil e fundamentou o pedido da deputação, dando a entender que assim se conteria a colera das Côrtes, fundando o seu pedido no bem supremo da nação portugueza.

José Clemente disse a proposito maravilhas de D. João VI, mas affirmou que «o Brasil exigia um centro de união e governo, uma assembléa nacional e um poder executivo no seu proprio seio. Pedia que S. A. acolhesse bem os votos dos povos e continuasse na Regencia, affim de que se não proclamasse logo a independencia completa do Brasil e se não convertesse o paiz em Republica.» Leu-se o manifesto do povo do Rio e as representações.

D. Pedro, então, do alto do throno, proferiu a seguinte resposta, dita a José Clemente Pereira:

«Como é para bem de todos e felicidade geral da Nação, estou prompto; diga ao povo que fico».

Conhecida a resposta, D. Pedro é aclamado e apparece ao povo, da janella.

O grito do Ipiranga

D'ahi por diante seguiu-se um periodo agitado em todo o paiz e principalmente em S. Paulo, em que D. Pedro sempre se salientou na pratica de actos attentorios da soberania portugueza.

Em Portugal tudo isto causava sensação, crescendo a animosidade contra os brasileiros e os deputados da America, expostos a desfeitas pessoas e materiaes.

As Juntas provisórias de S. Paulo e outros estados eram a pedra de escandalo e as côrtes iam legislar sobre ellas para aparar-lhes as audacias.

Mas Portugal atravessava uma crise de desvario e desgraças publicas.

A tormenta estava para estourar.

Os proceres dos novos regeneradores viviam a vociferar contra o reino americano.

Os artigos da constituição, já votada, em Junho de 1822, ainda nada dispunham contra o Brasil.

Passadas as réfregas de Maio, em São Paulo, julgando afastadas as pretensões liberaes dos cariocas, os pro-homens das côrtes pensaram ser conveniente attenuar a

tensão contra os brasileiros, convidando os seus deputados, com certa solemnidade, a 23 de Maio, a apresentar as addições e alterações que julgassem necessarias para que a Constituição portugueza pudesse fazer a felicidade de ambos os hemisphérios.

Isto foi feito e não deu o resultado que se esperava, causando a proposta brasileira indignação e espanto, considerando-se a proposta um pretexto de rompimento.

Ferreira de Moura, em discurso, despediu a representação brasileira das côrtes.

Campos Vergueiro respondeu dizendo que ou o Congresso reprovava as palavras de Moura ou que elles dariam por finda a sua representação.

O incidente foi abafado, mas a proposta brasileira foi regeitada.

O Congresso portuguez pasou então a julgar á Junta de São Paulo, o bispo e o regente.

Estes escaparam, o bispo por 1 voto, mas as Juntas de S. Paulo e Minas foram responsabilizadas; esta por não mandar deputados ás côrtes.

Com esses actos de Julho, appareceu uma proclamação das Côrtes: «Nem os vossos irmãos da Europa vos contradisem, nem as côrtes vos negaram jámais o direito natural que tinheis para vos constituirdes independentes, e para escolherdes as condições de governo que mais conviesse.»

Era um embuste.

E quando lá chegou a noticia da Constituinte convocada por D. Pedro, as côrtes desabaram, gritando sediciosamente contra o Brasil.

O decreto do Regente foi declarado nullo, e foi destituido, tendo ordem de regressar dentro de um mez, sob pena de perder o direito ao throno de Portugal.

Foi nomeada para o Brasil uma regencia nova, composta sómente de portuguezes.

As Côrtes, então, trataram de fazer assignar a constituição portugueza, com legislação sobre o reino americano; os brasileiros protestaram, mas foram obrigados a isso. (23 de Setembro).

A constituição foi jurada nas Côrtes a 30 de Setembro de 1822 e a 1.º de Outubro desse anno pelo Rei.

Foram extranhos a esses actos sómente 7 brasileiros: Diogo Feijó, Antonio Carlos, Costa Aguiar, Antonio Bueno (paulista), Barata de Almeida, Francisco Agostinho Gomes e Lino Coutinho (bahianos).

Estes distinctos patricios não pu-

deram mais ficar em Lisboa e fugiram d'alli em um navio inglez para Falmouth.

Foram destituídos pelas côrtes e declarados ex-deputados e ex-portuguezes.

Essa assembléa continuou a hostilizar o Brasil até seu ultimo dia.

D. João VI era obrigado tambem a praticar actos contra seu filho D. Pedro.

Foi nomeada logo a Regencia para o Brasil, devendo residir na Bahia, sob o abrigo do general Madeira, que alli exercia a dictadura colonial.

Essa regencia devia tomar conta de todas as provincias do Norte até o Pará, onde havia ainda um certo receio da independencia, devido aos acontecimentos de 1817.

Preparou-se uma expedição militar de 4.000 homens para essa aventura.

D. Pedro, entretanto, não ligava a menor importancia ao liberalismo castrado das Côrtes, que negavam ao Brasil aquillo que queriam para sua patria.

S. A. declarava que o Brasil, não só não as obedeceria, «como nem jámais obedecerá, até as detestando e abominando.»

D. Pedro previne a seu pae que o querem acclamar rei e que aceita, para o paiz não retrogar.

Portugal dá ordens aos seus consules para não despacharem armas para o Brasil; D. Pedro, em represalia expede aviso-circular aos consules estrangeiros no Rio e provincias, declarando-lhes que dispensa despachos de autoridades portuguezas para todo e qualquer artigo de guerra que tivesse de entrar no Brasil.

D. Pedro poz agentes em todo o norte do paiz, fallando ao sentimento nacional, que foi despertando alli.

Em Julho D. Pedro reorganizou o seu ministerio accentuando o sentimento da independencia.

Em Agosto assignou decreto declarando inimigas todas as tropas portuguezas que desembarcassem no Brasil, sem seu consentimento.

Um manifesto corria em todo o paiz para que do Amazonas ao Prata não houvesse outro sentimento que não fosse o da independencia.

A 6 de Agosto, um manifesto ás nações da Europa era expedido por D. Pedro, no qual o Príncipe expunha as circumstancias em que tinham posto as Côrtes de Lisboa e que o haviam levado a tomar as providencias de que dava conta aos povos e governos amigos.

E tal era a confiança, que a 12

desse mez nomeava encarregado de negocios em Londres, e logo após para a França e Allemanha.

José Bonifacio, o nosso grande patriarcha, que dirigia os passos do Príncipe, agia cada vez mais cautelosamente, para que não se perturbasse a obra da independência.

Martim Francisco, expulso de S. Paulo, é muito bem acolhido por D. Pedro, expedindo-se as cartas régias de 25 de Junho, dissolvendo a Junta paulista.

São chamados á Córte os tres inconciliáveis inimigos dos Andradas.

Isto não deu bom resultado, seguindo-se no Rio, Minas e Bahia um periodo muito agitado.

Pará, Maranhão e Piahy obedeciam ainda ás Córtes de Lisboa. Em Pernambuco a Junta foi deposta e reinava a anarchia.

No meio destas lutas, o que mais preoccupava o Regente era o general Madeira de Mello, na Bahia, socorrido pelas Córtes de Lisboa e que ameaçava e punha em crise a obra dos patriotas do Rio, S. Paulo e Minas.

O Regente começou a organizar a resistencia a esse velho cabo de guerra, nosso terrivel inimigo, mas homem de fibra.

Foi levantado um empréstimo no Rio e pegaram em armas todos os brasileiros validos.

Lord Cockrane foi chamado do Chile, onde dirigia a esquadra chilena contra a Hespanha, já alli batida, para organizar a esquadra brasileira.

Antes que viesse Cockrane, adiantou-se a formação de uma efficaz esquadriha de 4 navios, sob o commando do chefe de divisão Rodrigo Antonio Delamare e guarnecida por 200 homens sob o commando de Labatut.

Delamare foi muito feliz. Sahi em meados de Julho e a 4 de Agosto estava em frente á barra da Bahia.

Madeira estremeceu e o sertão todo se levantou contra elle.

Não deu Delamare desembarque, mas os navios portuguezes, mais numerosos, não o atacaram.

Seguindo Delamare para o norte, entrou em Jaraguá a 18 de Agosto, defronte de Maceió.

Labatut poz-se em relação com a Junta de Alagôas, desembarcando e guarnecendo Maceió.

Lamare, cumprida esta missão, seguiu rumo norte.

Communicou-se com a Junta de Pernambuco, e ficou cruzando na costa.

Labatut, no dia seguinte, partira por terra para Pernambuco, onde recebeu auxilios, pondo a Junta d'alli uma brigada de artilharia sob suas ordens e a mando de Joaquim José da Silva Santiago.

Labatut fazia enquanto isso reforçar a guarnição de Penedo, para prevenir quaesquer intentos de Villa Nova, fiel a Madeira.

De accordo com os patriotas do Recife, está elle prompto, por 15 de Setembro, a invadir Sergipe.

Esta decisão reergueu toda a causa nacional, no norte.

Madeira estava quasi bloqueado, graças a Labatut.

Verdades de quem ama...

A distancia que se espalma
Entre nós não ha vencer,
Mas onde estará minh'alma
Que não na escutes gemer?

Que vale tão duro effeito,
Tão grande separação
Si te vejo no meu peito
Gravado em meu coração?

Que vale a cruel distancia
—Barreira enorme e sem fim—
Se moras na mesma estancia
Juntinha sempre de mim?

Zule Anna

Do Pará e Maranhão quasi nada pôde receber.

Na Cachoeira levanta-se um governo provisório, porque a Junta da Bahia está annullada por Madeira.

Estas noticias chegam a D. Pedro e José Bonifacio, que vêm que é chegado o momento para o grito da Independência.

Que falta para ella?

Apenas um acto solenne, porque, de facto, o Brazil e seu governo já sustentavam sua soberania.

Era, pois, favela de direito, porque de facto já existia.

D. Pedro, embora ainda desse vivas a seu pae, já os dava á constituinte Brasileira.

Prepara, então, José Bonifacio o acto solenne com que perante o direito internacional deve authenticar-se o que está feito.

Paulista, quiz que a solennidade alli se realisasse.

Projecta a viagem com o principe, fazendo-o convidar pelas camaras locais e a regencia é transmittida á Princesa consorte, por um decreto, a 13 de Agosto.

Parece mesmo que até o acto, subsequente ao grito do Ipiranga, da aclamação de D. Pedro como Imperador, ficou concertado entre o patriarcha e o regente.

D. Pedro toma Luiz de Saldanha da Gama, como seu secretario e parte para S. Paulo, via terrestre, seguido de lusada escolta, que lhe foi enviada pela villa da Parahyba.

Sua exeursão foi um delirio de aclamação atravez o territorio fluminense e paulista.

Chegado a S. Paulo a 25 de Agosto, onde a destituição anterior da Junta havia causado uma situação pessima, tudo mudou.

D. Pedro alli entrou acompanhado de enorme cortejo, e escoltado por brilhante guarda de honra. Vibravam os sinos e estrugia a artilharia, postada em frente ao convento do Carmo.

D. Pedro mudou as medidas que tinha decretado no Rio contra as suppostas tendencias anarchisadoras da capital paulista.

Para salvar o decôro, porém, installou alli uma situação nova, conservando a dissolução da Junta.

Reforçou as guarnições de S. Sebastião e Santos.

Fez uma proclamação favoravel a libertação do Brazil.

Depois de alguns dias em S. Paulo,

visitou Santos a 5 de Setembro, ficando até o dia 6 e no dia 7, ao alvorecer, poz-se a caminho, de volta.

No lugar denominado Moinhos, ordenou D. Pedro que sua guarda passasse adiante e fosse esperal-o perto da cidade. A guarda e parte da comitiva avançaram fazendo alto nas margens do ribeiro Ipiranga.

Ora, por fins de Agosto, soubera-se tudo quanto tinha occorrido em Lisboa, sendo impossivel contemporisar com Portugal. Chegaram noticias sobre o processo dos ministros, do Regente e a expedição dos decretos a que já nos referimos, que reduziam o Brazil de novo á colonia.

Os bahianos, por outro lado, traziam o marechal Madeira em sobresaltos e isto alegrava o espirito de José Bonifacio, que julgava vencedora a sua idéa fixa—a independência.

O momento era aquelle mesmo, concluiu a patriarcha e demais o princepe já estava em S. Paulo.

O Conselho de Estado foi convocado a 1.º de Setembro e José Bonifacio fez a exposição da situação e concluiu que não era mais possivel permanecer naquella dubiedade e indecisão e que para salvar o Brasil cumpria que se proclamasse a sua completa separação de Portugal, immediatamente.

Combinou-se que se pedisse a D. Pedro que alli mesmo em S. Paulo se puzesse termo a uma situação tão dolorosa para os brasileiros.

Todos os ministros applaudiram e com elles emulou no entusiasmo a Princesa Real.

Antonio Ramos Cordeiro e Paulo Emilio Bregaro foram logo enviados para S. Paulo com os despachos para o principe.

Os mensageiros, não encontrando S. A. em S. Paulo, foram ao seu encontro, nos campos do Ipiranga, onde encontraram sua guarda de honra e comitiva, descansando debaixo do arvoredado.

Sabendo os emissarios, que D. Pedro não pôde estar longe, vão ao seu encontro. Seriam 4 a quatro e meia horas da tarde do bellissimo sabbado 7 de Setembro de 1822, quando, a 1/2 legua do Ipiranga, Bregaro e Cordeiro se entrevistaram com S. A. Real, a quem entregaram os despachos.

D. Pedro, montando um zaino, trajando pequeno uniforme, farda azul, botas de verniz, justas e altas, chapéu armado com o tope azul e branco, lê alli mesmo a correspondencia.

D. Pedro experimenta grande sensação, córa, e fica como quem medita e diz a meia voz: «Tanto sacrificio feito por mim, e pelo Brasil inteiro... e não cessam de cavar a nossa ruina!...»

E n'um grande gesto, com forte voz, disse:—E' preciso acabar com isto!

Sacca após da espada e, rolando-a em molinete, que a fez luzir, de um modo extranho, voltado para todos, grita:

—Independência ou morte!

Eis aqui o feito que hoje todo o Brasil commemora, abençoando os heróes da gloriosa jornada em que sobre todos se destacou José Bonifacio de Andrada e Silva.

Oscar Rosas

7 de Setembro

O Brazil festeja, hoje, a aurea data de sua Independencia politica.

Dentro de tres annos, commemo-rará o seu Centenario, que representa na vida de um povo um largo periodo de conquistas liberaes, de engrandeci-mentos ennobrecedores.

De 1822 até aos nossos dias, o Brazil tem sido um paiz essencialmente politico, trabalhado intensa-mente pelas paixões do partidario absorvente.

Sacudida a tutella portugueza, o Brazil devia expandir-se como um povo independente.

A monarchia asphyxiou os surtos do progresso, levando-nos através de uma existencia obscura, pelo caminho das incertezas.

Proclamada a Republica, uma no-va era de prosperidades, um risonho porvir de grandezas rasgava-se nos horisontes da nossa Patria.

As paixões partidarias conturbaram os dias do novo regimen, e o scepticismo veiu dominar as almas dos verdadeiros patriotas.

«Não era essa a Republica que so-nhavamos», exclamavam muitos dos pioneiros da cruzada santa.

E' que os nossos homens de res-ponsabilidades se afastavam das boas praticas republicanas, tão apregoadas nos aureos tempos da propaganda, re-legando para plano inferior os gran-des problemas administrativos.

Emquanto paizes novos, como a Ar-gentina, prosperam, admiravelmente, desenvolvendo as suas fontes de ri-queza publica e tornando-se indepen-dentes economicamente, o Brazil está ainda no periodo das vagas experi-encias, sem meios de enfrentar o *difficil* médio annual de 15 milhões de ester-linos no balanço das suas contas in-ternacionaes.

Paiz vasto e riquissimo, previlgia-do de depositos de minerios, os maiores do mundo, possuindo terras infinda-veis, o Brazil ainda na ultima decada republicana importou 758 mil contos de ferro e aço, como vem de afirmar o deputado Cincinato Braga, no seu excellente parecer ao Ministerio da Agricultura.

Milhares de contos se escoam para os mercados productores do Trigo, na Argentina!

O anniversario da nossa Indepen-dencia oferece ensejo ao patriotismo dos nossos homens para melhor pen-sarem no futuro de nossa Patria.

O Brazil precisa ter a sua indepen-

dencia economica. Approxima-se o dia da commemoração do seu Centenario que deve ser assignalado pelas mais brilhantes conquists no novo seculo.

O. Ramos

Fpolis, 7-9-915.

A nossa Igreja Matriz

E' a arte de uma epoca que se fô-ra com os tempos decorridos da sua existencia, o computo intelligente dos nossos antepassados que se perpetua até nós, n'uma magestade infinita, que vem offerecer á admiração dos visi-tantes a flecha de Anvers ou de Stras-burgo, que os atrahê pela figura gran-diosa do seu todo, pela modestia da sua apparencia, despida de contornos artisticos.

E' o principal ornamento da nos-a praça, de tanto effeito para nós que não estamos habituados a contemplar as cathedraes gothicas do velho mundo, tão admiravelmente propor-cionadas, orgulhamo-nos da nossa matriz, como o bom Romano da Ca-thedral de S. Pedro, o monumento por excellencia de Roma.

Os edificios gothicos que os septen-trionaes mostram ao mundo inteiro, São Pedro, Nôtre Dame, Colonia, Mi-lão, são monumentos artisticos; a nos-sa matriz é um monumento religioso.

O seu interior, as cornijas, os alta-res que embellezam-na, nos quaes tra-balharam artistas nossos, lembramos o amor, a perseverança, no ideal, que os nossos antepassados tinham em deixar para os posterios a manifes-tação de suas crenças na religião ca-tholica.

Se aquellas imagens emburnadas nos seus nichos, dos seus labios pu-dessemos ouvir o que d'aquella tribu-na sacra foi proferido, veriamos então a nossa Igreja mãe atrahir para o seu vasto recinto a multidão para ouvir dos seus labios a repetição das predicas aos seus discipulos, a sã e evangelisadora moral da communhão catholica.

Aquella abobada abrigou por mo-mentos, que foram tão disputados, mi-lhares de crentes que para alli se diri-giam, não só para orar, mas para ou-virem em dias de solemne festividade, fallar o mais erudito dos filhos que o solo catharinense embalou e viu nas-cer; para escutarem naquelle recinto, de um pulpito que actualmente já alli não existe, a palma eloquente, forte e

resoante do inesquecível Padre Cu-nha, palavras essas cheias de uma re-thorica instructiva e aquecidas á luz de uma phylosophia clara e perfuma-da de amor.

Sucedeu-lhe dominando tambem o pulpito, com um olhar inspirado que impunha silencio, igualando ao mais perfeito modelo do orador sagrado, o Padre Manfredo Leite, que actualmen-te engrandece a terra que lhe serviu de berço, na grande cathedral de São Paulo, onde é o pregador sacro em dias de grandes solemnidades.

E' a nossa Igreja Matriz o passado glorioso, o presente feliz e o futuro cheio de esperanças da terra josephen-se, a nossa São Pedro, como aquella que enche de orgulho toda Roma.

J. F.

7 de Setembro

Homenageando o dia de hoje, o povo josephense associa-se a uma das mais justas alegrias que pôde provo-car em nossos corações guaranyenses a inspiração d'uma ledice brotada ex-pontanea do nosso eu pelo enthusias-mo patriotico.

Salve 7 de Setembro de 1822! Sal-ve reduto bemdito da terra dos ban-deirantes, que ouviste o grito tão glo-rioso para nós de *Independencia ou Morte!*

Salve brasilica terra de tantos vul-tos proeminentes que te souberam en-grandecer e te elevar até o presente que nos enche de orgulho por te per-tencermos! Salve terra de tantos fac-tos primordiais, de tantos vates que te souberam cantar e elevar ao mais alto parnaso de tua gloria sonhado em passado, quando Casemiro de Abreu te fazia gigante...

Correi prás bandas do sul:
Debaixo d'um céu de anil
Encontrareis o gigante
Santa Cruz, hoje Brazil;
— E' uma terra de amores
Alcatifada de flores,
Onde a brisa falla amores
Nas bellas tardes de Abril...

Salve hospitaleira terra; sacrosanta entre as bemdiptas, bemdipta entre as mais queridas!

Salve 7 de Setembro!

Dia de luz e gloria ás mais risonhas plagas que, desde o Amazonas ao Pra-ta e beijada pelas mansas vagas do Progresso; Salve!

J. F.